

ACHADOS ARQUEOLÓGICOS DE MARTIM (BARCELOS) *

Por **Carlos Alberto Ferreira de Almeida**

O aparecimento na freguesia de Martim, concelho de Barcelos, um pouco a sudeste da igreja paroquial, de uns restos arquitectónicos romanos que, a julgar pelo seu tamanho, deveriam ter pertencido a um importante edifício romano foi a ocasião para aí fazermos três sondagens arqueológicas cujos resultados trazemos agora a público. Aproveitamos também para noticiar os achados que estiveram na

* Cumpre-nos agradecer, penhoradamente, ao Senhor Governador Civil de Viana do Castelo, Dr. António Vasco de Faria, então Presidente da Câmara Municipal de Barcelos, o interesse e a ajuda económica que nos dispensou por cuja mercê foi possível a realização destes trabalhos arqueológicos.

Este estudo foi realizado dentro do Projecto de Investigação PL—2 do Instituto de Alta Cultura (Faculdade de Letras do Porto).

Aos nossos queridos alunos, Isabel Esteves Loureiro, António Cardoso, Maria do Céu, Alzira Agathão Lança, Maria Adelaide Recarey e Jaime Ferreira Alves que nos ajudaram nos trabalhos da escavação e desta publicação reiteramos, agora publicamente, os nossos agradecimentos.

origem destes trabalhos de escavação, bem como outros elementos arquitectónicos anteriormente aparecidos e que serão objecto da primeira parte deste estudo.

É factó bem conhecido, localmente, que nos terrenos a nascente da Casa do Povo de Martim quando se ara mais fundo ou se fazem valas logo se encontram vestígios de antigos alicerces, pedaços de *opus signinum*, e fragmentos de tijolos e telhas. Nos cortes feitos pela estrada nacional n.º103, Braga-Barcelos, que passa aí, apareceu, segundo dizem, muita pedra antiga, bem trabalhada. Num talude dessa estrada, lado sul, vê-se ainda hoje o corte de uma velha parede, soterrada.

As antigas descobertas se deve atribuir uma meia dúzia de pedaços de colunas que se vêem incorporados em muros e edifícios da aldeia. Assim, por exemplo, entre a Casa do Povo e a Igreja, há um portal de uma garagem que tem quatro pedaços de fuste de coluna, dois em cada lado da entrada (Est. I, 1 e 2), com cerca de meio metro de diâmetro e que devem ser romanos.

Maior importância têm os restos aparecidos aquando da abertura de uma vala para se colocar um cano condutor de água num acesso para um pequeno campo do Sr. Bernardino da Silva Ferreira, na margem sul da mencionada estrada nacional e a sudeste da Casa do Povo. Descobriram-se então, além de muitos pedaços de *opus signinum*, uma grande base de coluna, romana, (Est. I, 3) e dois fragmentos arquitectónicos que segundo tudo indica, pertenceram a um grande capitel de inspiração jónica (Est. I, 4). Pela idêntica qualidade do granito, idêntico trabalho e mesma altura do ábaco devem ser da mesma peça. Feito com esmero, em granito de grão, que, segundo informações fidedignas locais, procede do Monte das Caldas, situado entre Martim e Braga, tem este capitel de inspiração jónica grande personalidade¹. Apesar

¹ A personalidade e o dinamismo da fase final da romanização, nesta zona, são patentes em diversos campos da história. A isso, em breve, nos havemos de referir.

de estar muito incompleto pode reconstituir-se na zona das esquinas. As saliências cónicas angulares (Est. II, 1 e 2) resultado da evolução das hélices jónicas, tão habituais nos capitéis jónicos da época romana tardia, não se justapõem à moldura do toro, como é frequente e vemos em um capitel romano de Freixo, Marco de Canaveses (Est. II, 3), em Mérida (Est. II, 4) e em outras partes². Neste exemplar de Martim elas arrancam do toro e já perto da extremidade do ábaco. Assim na parte central, ao que parece, não temos os ornatos frequentes nos capitéis tardios deste tipo e que resultam da ligação dos vértices das saliências cónicas.

Na base do cone há um ornato helicoidal (Est. II, 1) bem semelhante ao de um exemplar de Mérida (Est. II, 5).

O tamanho do capitel pode calcular-se, aproximadamente, na parte do ábaco, em 86cm de lado o que condiz com a largura da base da coluna aí aparecida também. A altura de ambos os elementos arquitectónicos é semelhante e idêntica a qualidade do seu granito. Note-se que os fustes de colunas, a que antes nos referimos, são de granito de qualidade diferente, em dente de cavalo, existente na zona no monte do Penido. O seu diâmetro porém não se ajusta a estes elementos arquitectónicos que exigem fuste de maior espessura.



Foi no terreno do Sr. Bernardino, onde apareceram restos a que nos acabamos de referir, que realizamos três sondagens como a planta mostra (Est. III). Porque a base e os fragmentos do capitel apareceram, segundo informação segura, no local indicado na planta com a letra B, onde se viu também um basamento que se orientava em sentido um pouco transversal à rampa, como na mesma estampa se marca a tracejado e do qual se levantou uma pedra (Est. n, 6) lan-

² Um capitel, de tipo jónico, do Museu de Trípoli, com símbolos cristãos tem aspecto muito mais adulterado e por isso será mais tardio. Cfr. Romanelli, *Topografia e Archeologia Dell` Africa Romana*, Turim, 1970, Lâm. 330.

çamos a nascente dessa direcção a escavação do quadro I, de 3 X 3 metros, na esperança de atingirmos tal alinhamento.

O quadrado deu-nos quatro estratos, bem definidos, de que apresentamos dois desenhos, um do lado norte (Est. IV, 1) e outro do poente (Est. IV, 2). O primeiro de terra negra, muito espesso, deu espólio heterogéneo, sinal de ser de formação lenta e recente: pedaços de cerâmica vidrada e de faiança à mistura com fragmentos de tégulas. Deu ainda um bordo de copo de vidro, em cabeça de fósforo, cor esverdeada e cheio de impurezas e bolhas de ar. No segundo estrato, mais estreito e de terra menos escura, havia bastantes pedras. O estrato terceiro era constituído por uma nítida camada de incêndio e de destruição pela muita cinza e carvão que tinha na base, cobertos por pedras, pedaços de *opus signinum*, fragmentos de tégulas e tijolos. Os restos de *opus signinum* estavam em posição invertida, geralmente, e eram de muito fraca qualidade. Na sua contextura há muitos pedaços de quartzo. Algum carvão era de carvalho.

Foi nesta camada, no canto noroeste do quadrado, sobre um piso de ocupação, que se encontrou o espólio mais significativo da campanha de escavação: fragmentos de duas ânforas (Est. V, 1, 2, 3 e 4) que, pela qualidade da pasta, aspecto do fundo, do bojo e do gargalo e por as asas em uma delas nascerem na parte superior do próprio lábio da vasilha, são tardias, provavelmente, da época visigótica. A este nível começou a parecer uma parede que pela escavação do estrato seguinte, o quarto, se viu ser um muro exterior de um edifício. Na verdade, para o lado poente, o da rampa, tínhamos o piso da habitação e a camada de cinza, o que se não verificava para o outro lado. Grande parte das pedras deste muro tinham sido levadas outrora, como bem se pode notar pela bolsa do estrato 3 da sua parede norte (Est. IV, 1). Ficou porém todo o alicerce (Est. VI, 1), feito com grandes pedras romanas de cerca de 80 cm de comprimento, reaproveitadas, trazidas não sabemos donde. Algumas são almofadadas (Est. VI, 2). Outra servira já de soleira de porta em edifício romano (Est. VI, 3). Estava colocada ao contrário da sua genuína posição. O estrato quarto era uma camada de enchimento com saibro batido, na parte ocidental do quadrado, onde havia fragmentos de

cerâmica cinzenta, grosseira, de aspecto medieval (Est. IX, 1 e 2). Pode comparar-se a outra que recolhi em S. Eulália de Águas Santas com sigilata clara D, datável, segundo Hayes, do séc. VI.

A escavação do quadrado II, lançado a sul do primeiro, deu-nos resultados mais pobres, tanto em espólio como em vestígios arquitectónicos. Havia uma seriação de estratos semelhante à anterior, embora o terceiro fosse mais volumoso, com restos de tégulas, de tijolos e de fragmentos de *opus signinum* em maior quantidade. No estrato um, com espólio de épocas diversas, apareceu um fragmento de bordo de um prato típico da cinzenta estampada dos princípios da época medieval, embora sem decoração (Est. IX, 3).

No estrato 3 apareceu uma grande lasca de mármore.

Porque nesta sondagem não encontrámos o alicerce do muro revelado no quadrado lateral, anterior, mudámos para o outro lado da rampa de acesso onde se escavou o quadrado III, alinhado pelo primeiro.

A sequência estratigráfica desta quadrícula é semelhante às anteriores (Est. VII, 1). Sobre o piso a mesma camada de incêndio e destruição (Est. VIII, 2). No lado sul havia o aterro do atolhamento de um poço de mina que passa, por baixo, como se vê na planta do seu fundo (Est. VII, 2). Segundo nos disseram, quando se fez essa mina de água retiraram-se muitos blocos semelhantes aos que aí encontrámos e que foram utilizados para apoio dos ferros da ramada circundante, onde se vêem.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Relativamente à estratigrafia parece-nos que a camada primeira, com mais de metro de espessura, se explica bem por ser um lugar que recebe assoreamento de zonas mais altas. O estrato 2, composto de uma terra amarela, deve corresponder a uma fase antiga de formação natural. A camada terceira é, em todos os quadrados, formada por uma grossa camada de destruição, com muitas pedras, pedaços de tégulas e tijolos e fragmentos de *opus signinum*. Esta camada tem, geralmente, bastante carvão e cinza. Por debaixo desta

notava-se bem, na parte poente do quadrado I e na zona norte do III, um piso térreo, calcado, de ocupação. Este piso deve pertencer à época dos muros cujos restos se descobriram.

Julgamos também muito provável que os restos de parede, aparecidos nos quadrados I e III, apesar de algumas diferenças, sobretudo no alicerce, sejam do mesmo edifício porque é semelhante a sua espessura, cerca de 60 cm, e condiz a sua orientação. Neste caso a base de coluna aparecida antes da escavação e que, segundo informações fidedignas, estava sobre um baseamento orientado em sentido perpendicular a estes muros, conforme se pode ver na planta (Est. III) na linha tracejada a — b, pertenceria a este edifício.

Os fragmentos do capitel, jónico, a que anteriormente nos referimos, e que vimos ainda cheios de cinza e com colorações avermelhadas, estavam de certeza contidos na camada de destruição, correspondente ao estrato terceiro. É possível que estivesse em função neste mesmo edifício.

Nas parcelas exumadas, quadrados I e m, este edifício tinha piso térreo, feito, em parte, com saibro. Sobre este piso além de uma camada de carvão a denunciar grande incêndio havia restos de duas ânforas da época visigótica e no quadrado I restos de uma vasilha de paredes caneladas (Est. IX, 4) esmagada *in situ* (Est. VIII, 1). Foi impossível a sua reconstituição tão partida estava e tão frágeis eram as suas paredes. Sobre isto vieram os inumeráveis fragmentos de *opus signinum*, de qualidade muito má, feito com saibro, barro e pedaços de quartzo, pedra muito vulgar por aí. Nenhum destes fragmentos estava *in situ*, melhor, todos os grandes fragmentos estavam com a parte aplanada virada para baixo. Não temos dúvida em afirmar que estes restos de *opus* não provêm de cobertura devido ao seu aspecto plano e sua má qualidade. Também não receamos afirmar que não pertenciam ao piso do edifício na parte descoberta. Este era térreo. O seu lugar originário não deve contudo estar longe mas as sondagens não o revelaram. É possível que pertencesse a outra zona do edifício que não tivemos a sorte de descobrir.

No quadrado III, estrato terceiro, descobriram-se fragmentos de tégulas com marcas de oleiro, incompletas (Est. VIII, 4), semelhantes a algumas do Monte Faria (Bar-

celos) e um resto de tijolo com a tão vulgar impressão da pata de canídeo ao lado da marca do oleiro (Est. VIII, 3). Neste mesmo estrato apareceu um fragmento de prato, fundo, de pasta bem cozida, cheia de areia, mas coberta, interna e externamente, de grosso engoble vermelho que o torna bastante semelhante ao vermelho pompeiano (Est. IX, 5 e 6). Deve atribuir-se porém à época visigótica por ser idêntico a uma cerâmica que apareceu no Castro de S. Caetano, Chaves, em associação com materiais visigóticos e que se expõe no Museu Martins Sarmento, Guimarães. Encontraram-se ainda muitos outros fragmentos de que ilustramos sete exemplares (Est. IX, 7 a 13), todos de aspecto medieval. Um pedaço (Est. IX, 13) pertence a um almofariz. O fragmento do seixo aparecido (Est. IX, 14), polido, deve ter servido para pisoar.

Concluindo diremos que entre o espólio ceramológico de Martim não há um único fragmento que afoitamente possámos classificar como genuinamente romano. Tudo aconselha a sua atribuição à época suévica ou visigótica.

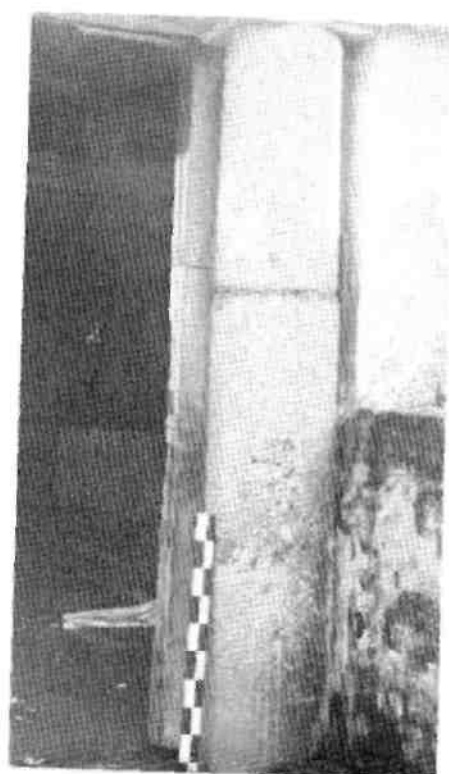
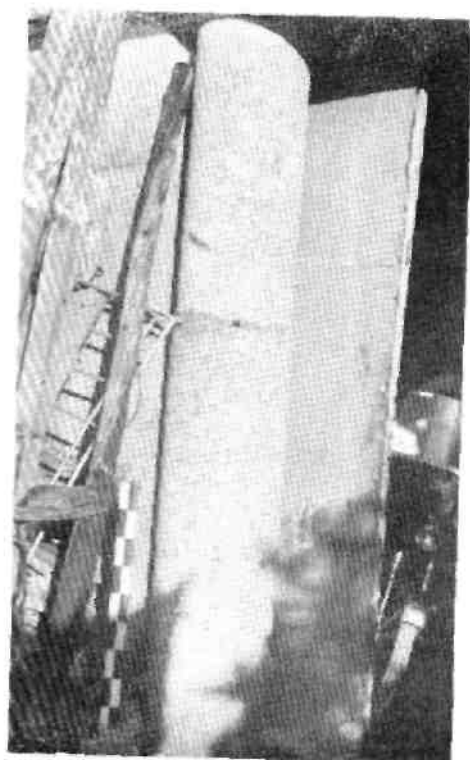
Nas paredes da construção reutilizam-se pedras romanas o que sugere também a sua atribuição à época medieval. A soleira de porta e as pedras almofadadas devem ter vindo de edifício romano que estaria já abandonado e em ruínas. Onde estaria essa construção? Não sabemos responder. Talvez não estivesse longe destas ruínas. Perto há um castro romanizado e sobre as agras de Martim estender-se-ia uma população luso-romana que vestígios encontrados na zona bem garantem. O capitel e a base, a que antes nos referimos, embora de época romana tardia, deviam estar nesta construção como elementos reaproveitados.

Por tudo isto, pela grande quantidade de fragmentos de tégulas³ e de *opus signinum*⁴, pela presença de cerâmica

³ Não sabemos bem quando se deixou de utilizar tegulas na cobertura das casas, substituídas totalmente pelas *imbrices*. Em atenção aos dados de Tróia e de Fiães (Feira) é possível que esse processo tenha começado já no século V.

⁴ Na época visigótica ainda se mantinha a tradição do *opus signinum*, como se pode ver na igreja de S. Gião da Nazaré que datará do século VII. Cfr. H. Schlunk, *La Iglesia de S. Gião, Cerca Da Nazaré*, in «Actas Do II Congresso Nacional De Arqueologia», t. II, Coimbra 1971, pág. 510.

datável dos princípios da Idade Média devemos estar em presença de ruínas de edifício de Alta Idade Média do qual se descobriu uma parte minúscula. Qual o seu destino? Mais uma questão por esclarecer. Não temos elementos para saber se era edifício basilical, se era construção religiosa ou civil. Estes dados e, sobretudo, estas questões que auferimos das sondagens feitas e dos vestígios aparecidos exigem a continuação das escavações para podermos esclarecer certos problemas e ampliar os nossos conhecimentos sobre estas ruínas.



Fot. 1 e 2 — Fragmentos de fustes romanos de Martim



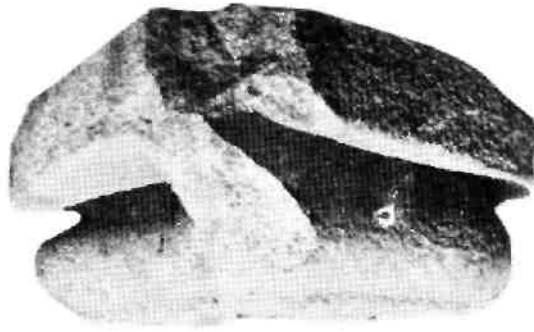
Fot. 3 — Base de coluna romana



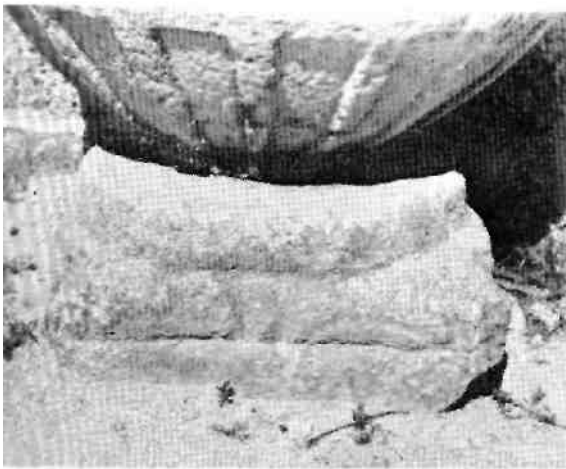
Fot. 4 — Dois fragmentos de capitel de inspiração jônica



1



2



3



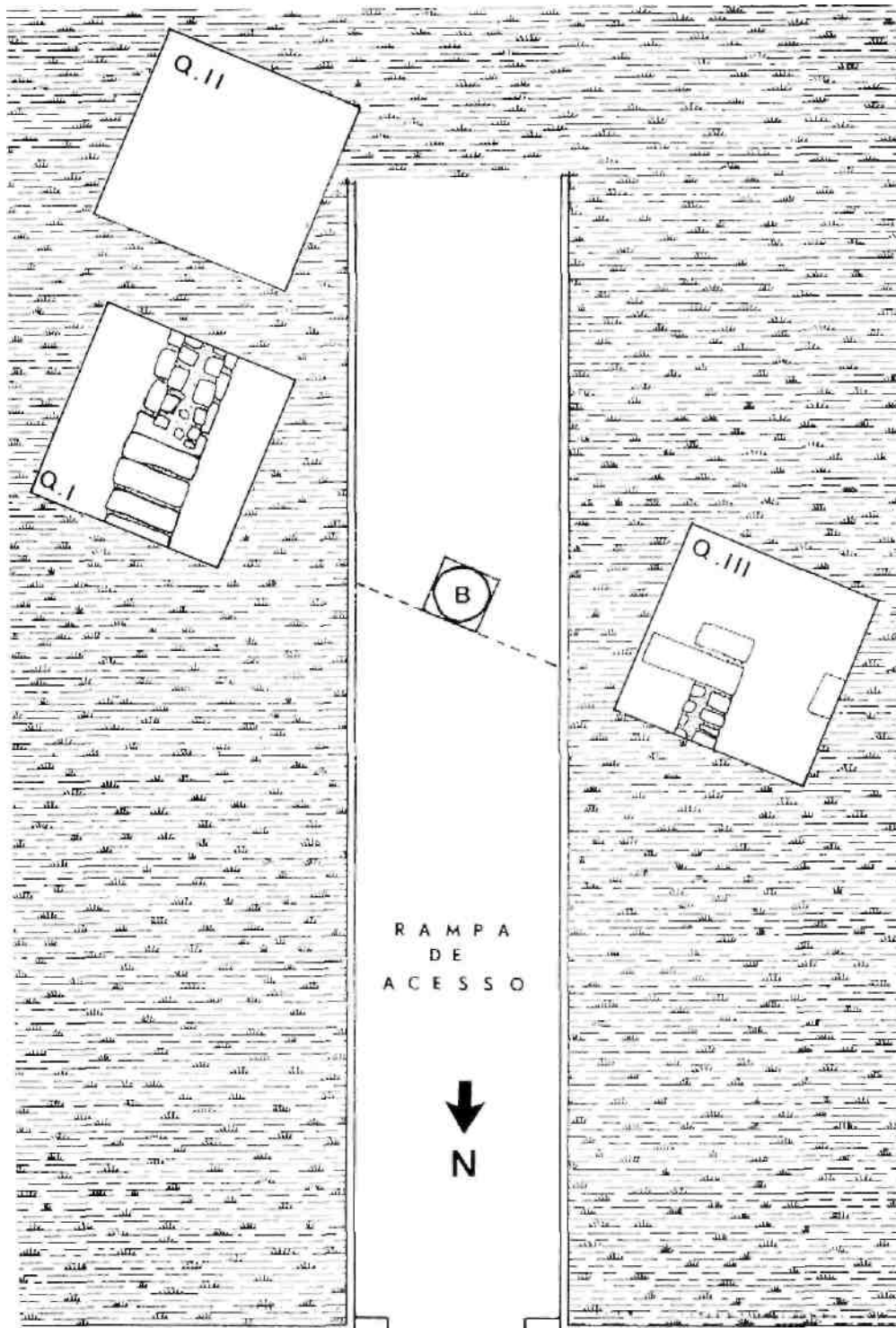
4



5



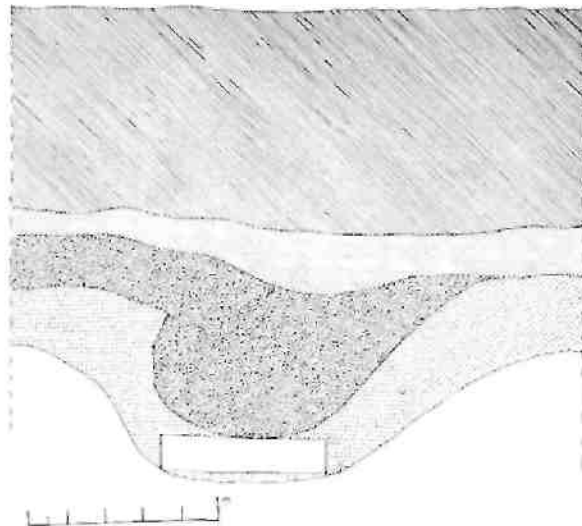
6



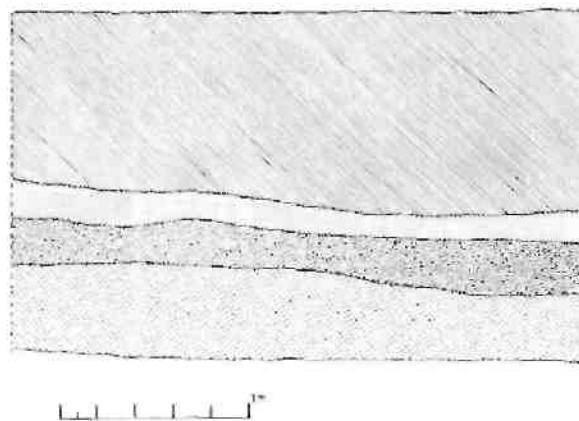
ESTRADA N. 103

Martim (Barcelos). Planta das escavações

Escala 1:101



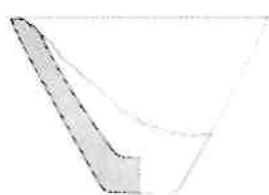
Des. 1 — Martim. Estratigrafia do lado norte do quadrado I



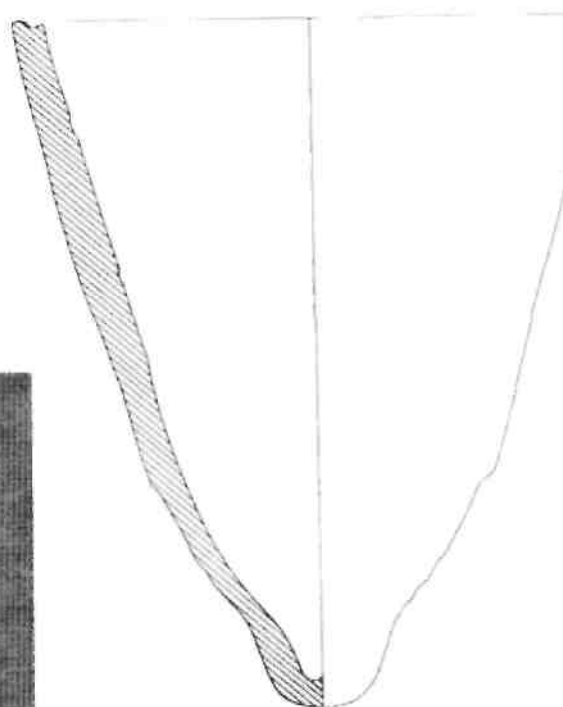
Des. 2 — Martim. Estratigrafia do lado poente do quadrado I



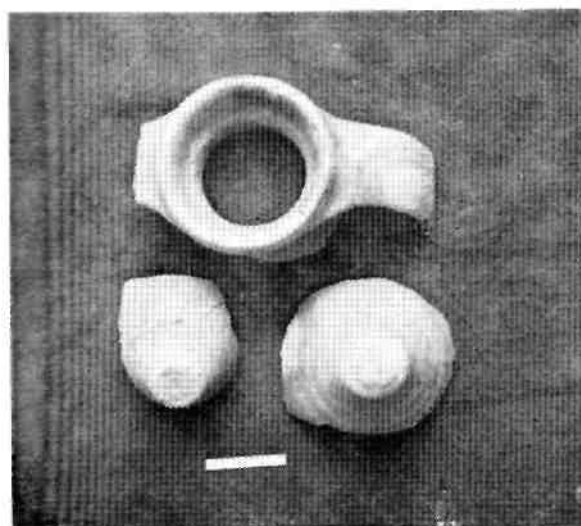
1



2



3



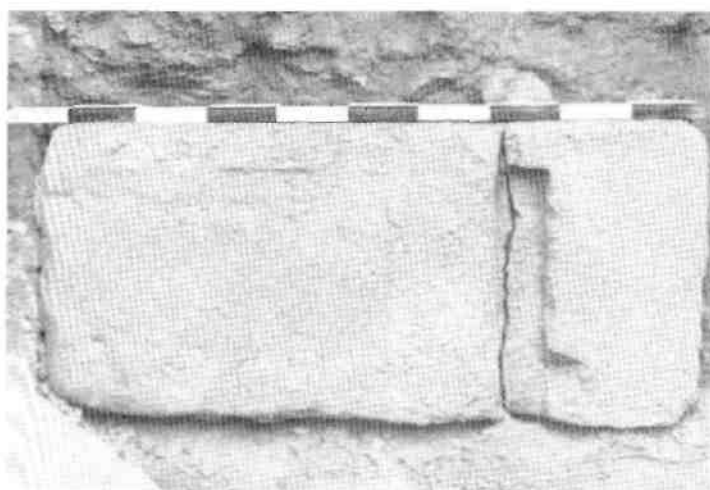
4

Escala 1 e 1
3 e 1

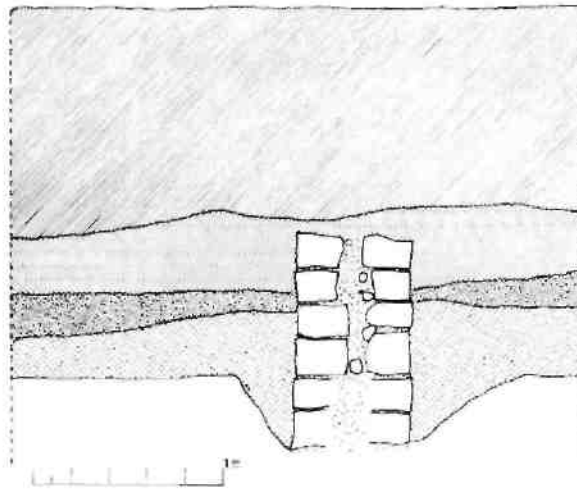


Fot. 1 — Aspecto do fundo d
quadrado I

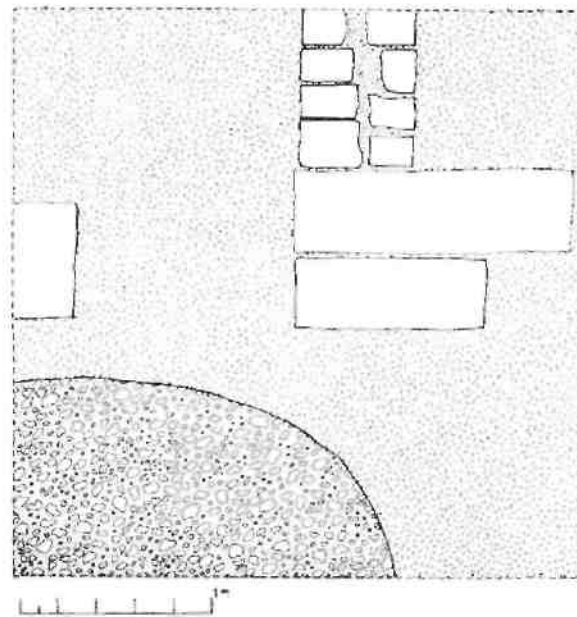
Fot. 2 — Pedra romana, almofa-
dada, aproveitada no alicerce do
edifício



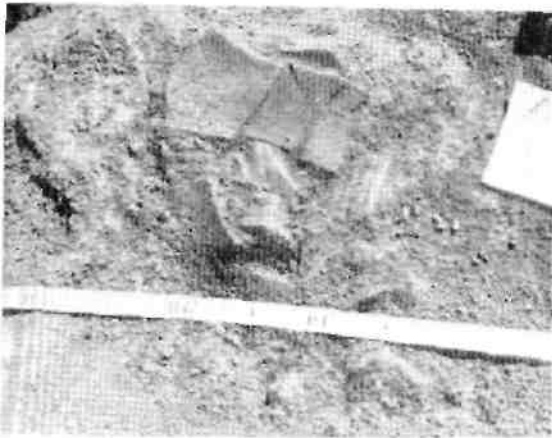
Fot. 3 — Soleira romana prove-
lada no alicerce do muro do
quadrado I



Des. 1 — Aspecto da estratigrafia do quadrado III, lado norte



Des. 2 — Planta do fundo do quadrado III



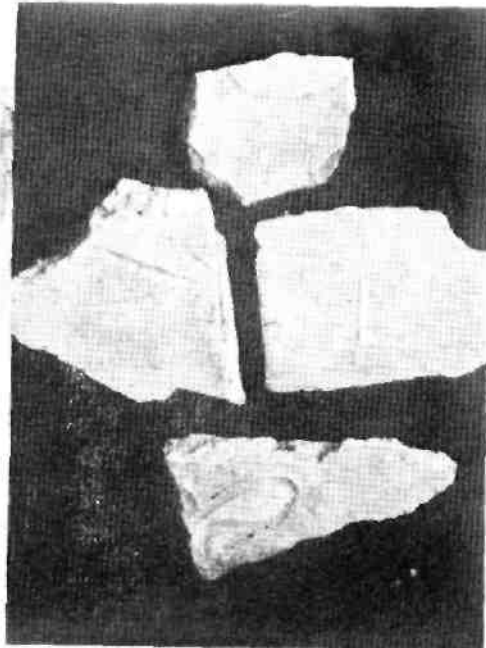
1



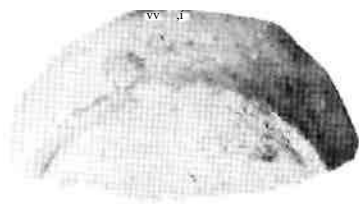
2



3



4



1



2



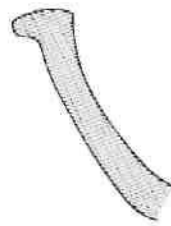
3



4



5



6



7



8



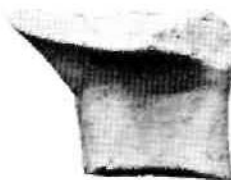
9



10



11



12



14



13

Escala aproximada 1